

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: PERCEPÇÕES DE UM ESTUDANTE DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Ana Jade da Costa Fernandes Gomes ¹

Sarah Giovanna Siqueira Cunha ²

Oriel Herrera Bonilla³

INTRODUÇÃO

Desde a sua entrada no campo acadêmico, o estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrenta uma série de desafios únicos, que vão desde a adaptação às demandas acadêmicas até a integração social no ambiente universitário. A natureza específica do TEA pode influenciar significativamente a forma como ele absorve e processa informações, exigindo adaptações no estilo de ensino e nos recursos disponíveis. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o TEA é caracterizado por condições que incluem comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, bem como por um restrito interesse e atividades que são únicas para o indivíduo, realizadas de forma repetitiva. A principal manifestação do TEA está relacionada com a interação social e possui três níveis: leve, moderado e grave (SALES, 2019). No grau leve, o indivíduo pode apresentar dificuldade para se comunicar, porém isso não torna-se um fator limitante para as interações sociais (Neuroconecta, 2024). No grau moderado, necessitam de suporte de terceiros e apresentam dificuldades de comunicação e deficiência de imagem (Neuroconecta, 2024). Quanto ao grau severo, as pessoas portadoras de TEA necessitam de maior suporte e apoio, visto que não conseguem se comunicar sem contar com um suporte, apresentam cognição reduzida e podem tornar-se isoladas socialmente caso não sejam estimuladas (Neuroconecta, 2024). Indivíduos com TEA frequentemente apresentam outras condições, como ansiedade, depressão e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (OMS), o que pode comprometer ainda mais o seu desenvolvimento intelectual e resultar em

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, jade.fernandes@aluno.uece.br;

² Graduando pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, sarah.giovanna@aluno.uece.br;

³ Professor orientador: Doutor, Universidade Estadual do Ceará - UECE, oriel.herrera@uece.br;

dificuldades na vida escolar ou acadêmica, reforçando o estigma de “incapaz” que frequentemente é atribuído às pessoas portadores de TEA.

Segundo dados apresentados pelo Censo da Educação Superior realizado e publicado em 2018 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, no estado do Ceará “foram computados 17 autistas como alunos de IES do estado. Foram mapeados 12 alunos matriculados em IES federais cearenses, e 05 em IES privadas” (SALES, 2019). Embora esses números ainda sejam pequenos, representam um grande avanço em comparação com o ano de 2012, quando o Ceará não possuía nenhum aluno autista matriculado no Ensino Superior. No curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), atualmente, há 2 alunos com TEA, sendo 1 no terceiro semestre e 1 no quinto semestre.

Diante da constatação da baixa representatividade de alunos com TEA no curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará, este estudo tem como objetivo compreender, com base no relato de um estudante do quinto semestre, suas experiências no ensino superior e identificar a abordagem de aprendizagem mais eficaz para ele. Essa investigação visa mostrar aos professores sem experiência prévia em educação inclusiva formas de adaptarem suas metodologias de ensino, contribuindo assim para a inclusão desses alunos e prevenindo sua evasão acadêmica.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando uma entrevista presencial como método de coleta de dados. Para a interpretação e análise dos dados, foi empregado o método de Bardin (1977), reconhecido no campo da Análise de Conteúdo. A entrevista foi conduzida de maneira subjetiva e emocional. A natureza restrita da população-alvo, combinada com as características inerentes ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), dificultou a seleção de participantes para o estudo. De fato, dos dois alunos com TEA matriculados no Curso de Ciências Biológicas, apenas um concordou em participar da entrevista. Este participante foi informado sobre o uso exclusivo dos dados para fins de pesquisa e consentiu voluntariamente, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início da entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados foram agrupados em 2 categorias: na (1) Experiência na IES, são as respostas relacionadas a experiência do aluno com a IES, com os professores e com os demais alunos. Na categoria (2) Metodologia, foram colocadas as falas relacionadas às metodologias utilizadas pelos professores e sobre estratégias de ensino que o estudante utilizaria. Seguindo o exemplo no trabalho de Aguilar (2020), que visa averiguar diversos aspectos referentes à vivência universitária de acordo com a percepção de pessoas com deficiência que frequentam essa modalidade de ensino.

1. Experiência na IES

O livre acesso para sair da sala de aula a qualquer momento nas IES foi o ponto principal citado pelo entrevistado quando foi lhe perguntado sobre a diferença entre sua antiga escola e a IES.

Bem, aqui eu posso sair da sala a qualquer momento sem necessariamente precisar pedir permissão para o professor. É quando eu às vezes tenho crise por causa de barulho, eu tinha que pedir permissão pro professor e se ele não desse, era bem mais complicado pra mim. Aqui não tem ninguém que vá brigar comigo caso eu saia da sala, nem nada.

“A sensibilidade auditiva se configura como uma percepção anormal do som, podendo causar impacto em diferentes situações do cotidiano e que é comum no TEA. Especificamente em relação às alterações sensoriais auditivas, foram apontados em estudos diferentes, resultados de 15% a 100% de prevalência em pessoas com o Transtorno” (COSTA et al., 2022).

Às vezes alguns professores não gostam quando eu interrompo muito (a aula). Quando eu falei que tinha o laudo, ele falou “tudo bem”, mas não fez muita diferença no final, eu acabei tendo o mesmo tratamento. Alguns, eles procuram entender mais, as vezes quando eu entrego uma tarefa atrasada ou alguma coisa assim, mas no quesito de eu não precisar fazer alguma coisa, tipo de eu não precisar mexer no computador ou notebook pra fazer um slide, eu não tenho essa diferença, eles não entendem. Eu também andei tendo dificuldade com um pequeno grupo de pessoas (colegas alunos) que às vezes elas ficam conversando muito, muito mesmo e eu não consigo prestar atenção na aula e às vezes eu acabo tendo uma crise e tendo que sair da sala.(...)

White et al (2017) observaram que o suporte de um grupo social pode ser benéfico para evitar o isolamento durante a passagem pela universidade, bem como evitar a desistência do curso. O estigma sobre o TEA preconcebida como incapaz e antissocial, mas que estão sendo combatidas pela Política de Proteção aos Direitos da Pessoa com Autismo (Lei nº 12.764/12), bem como o Estatuto da Pessoa com deficiência (Lei nº 13.146/15),

promovendo a inclusão de autistas no âmbito da academia e da formação profissional. (SALES, 2019).

O diagnóstico tardio pode afetar no desenvolvimento tanto acadêmico, quanto pessoal dos portadores de TEA.

Outra coisa, eu recebi o diagnóstico não faz muito tempo, então o pessoal da escola sabia que eu tinha alguma coisa, mas não sabia necessariamente o que era. Então, depois que eu recebi o diagnóstico ficou mais fácil conversar com o professor e ele procurar entender um pouquinho melhor.

Algumas consequências do reconhecimento tardio são: agravos de seus comportamentos, risco do fracasso em desenvolver relacionamentos e a falta de tentativa espontânea de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outras pessoas. Trazem transtornos na vida escolar e dentro de casa. (SANTOS, 2018). No caso do entrevistado, foi privado seu autoconhecimento e também prejudicou seu aprendizado na escola. Hoje, estando na universidade, ele consegue tratar da situação, para não repetir o que houve em seu período escolar.

2. Metodologia

Uma ferramenta bastante utilizada pelos professores da IES é o uso de tecnologias, e foi apontado pelo entrevistado como um fator limitante no aprendizado dele.

Eu tive bastante dificuldade com as que envolve eu precisar mexer em algum tipo de dispositivo, tipo computador, celular, eu tenho dificuldade em utilizar eles pra fazer pesquisa. Eu tenho muita dificuldade em fazer slides. Também não consigo me concentrar se for em um local que tenha muitos tipos de cores. Em questão de slides, eu prefiro slides com o fundo branco do que colorido. Pra mim a melhor, eu gostava muito de uma disciplina neste semestre, porque quando ela me deu aula, ela passava tipo umas 'tarefinhas' no final de cada aula, pra escrever o que eu tinha entendido do assunto e pra mim é muito mais fácil isso do que depois eu ter que assistir algum vídeo sobre o assunto.

A tecnologia é vista como uma aliada do processo de aprendizagem, porém a pessoa com TEA possui uma série de singularidades que requerem uma abordagem cuidadosa ao desenvolver estratégias para o seu processo de aprendizagem (DA SILVA; DE CARVALHO; CAIADO; BARROS, 2020).

O entrevistado nesta categoria defendeu a utilização de uma metodologia menos baseada em textos e mais focada na prática, ao ser questionado sobre como um professor lidaria com alunos autistas em sua sala de aula.

É.. eu colocaria.. eu acho que seria bom menos pdf, eu tenho muita dificuldade em ler pdf. Eu até gosto de slides, mas também gosto do livro físico e de aulas dadas assim na lousa (expositiva). Eu procuraria dividir tudo muito bem em tópicos e procuraria saber se tem algum vídeo no youtube ou alguma coisa

assim que explicasse diretamente aquele tópico e eu passaria antes de cada aula (o vídeo), aí na aula eu daria a minha aula normal, falando daquele assunto pra quem tivesse assistido ou não (o vídeo) e tiraria as dúvidas e daria a 'tarefinha' no final da aula.

Adaptações curriculares e de estratégias servem para “flexibilizar e viabilizar o acesso estabelecidas pelo currículo regular e não possuem a intenção de desenvolver uma nova proposta curricular, mas estabelecer um currículo dinâmico, para que atenda realmente a todos os educandos.” (VALLE; MAIA, 2010). Com base nisso, ouvir as estratégias propostas pelo aluno autista e implementá-las em prática permite que ele aprenda da maneira que melhor se adapta a suas necessidades, promovendo, portanto, uma educação inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem feita por meio de entrevista revelou-se uma tarefa desafiadora, mas ao mesmo tempo profundamente enriquecedora. A literatura sobre a integração de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior ainda é limitada, apesar do crescente interesse pelo tema nos últimos anos e também do aumento de alunos com TEA no espaço acadêmico. É crucial realizar pesquisas mais amplas e qualitativas para entender melhor essa questão. Este estudo ressalta a necessidade urgente de ampliar a voz dos estudantes com TEA e promover maior inclusão no ensino superior, visando criar ambientes mais acolhedores e reduzir a evasão acadêmica. Conclui-se a presente pesquisa com 2 questionamentos: Será que os alunos atuais com TEA do curso de Ciências Biológicas do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará vão concluir a graduação? Será que serão inseridos novos alunos autistas nesse curso e IES?

REFERÊNCIAS

AGUILAR, C. P. C; RAULI, P. F. Desafios da inclusão: a invisibilidade das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior. Revista Educação Especial. Setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3131/313162288042/313162288042.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

COSTA, K. T. L.; GIACCHINI, V; CÁCERES-ASSENÇO, A. M.; ARAÚJO, E. S. Percepção dos pais sobre hipersensibilidade auditiva de crianças com sinais clínicos de risco para o Transtorno do Espectro do Autismo. *SciELO*, março de 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO23033038>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

DA SILVA, J. A., DE CARVALHO, M. E., CAIADO, R. V. R., & BARROS, I. B. R. (2020). As tecnologias digitais da informação e comunicação como mediadoras na alfabetização de pessoas com transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática da literatura. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, 13(1), 45-64.

RUSSO, F. Graus de Autismo - importante saber. *NEUROCONNECTA*. 2024. Disponível em:[https://neuroconecta.com.br/graus-de-autismo-importante-saber/#:~:text=Portanto%2C%20n%C3%B3s%20vamos%20esclarecer%20esta,ou%20severo%20\(n%C3%ADvel%203\)](https://neuroconecta.com.br/graus-de-autismo-importante-saber/#:~:text=Portanto%2C%20n%C3%B3s%20vamos%20esclarecer%20esta,ou%20severo%20(n%C3%ADvel%203).). Acesso em: 12 fev. 2024.

SALES, J. F; VIANA, T. V. Autistas na educação superior: superando a invisibilidade e o preconceito. 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2019/TRABALHO_EV124_MD1_SA144_ID_3_05_14072019150921.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SANTOS, C. R; FUSARI, D. B. P; THOMES, I. B; RIOS M. C. As consequências do reconhecimento tardio para o portador da síndrome do autismo. UNISEPE, 2018. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/10consequencia_do_reconhecimento.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. Aprendizagem e comportamento humano. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.+

WHITE, Susan. W. et al. Development of a College Transition and Support Program for Students with Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 47, n. 10, p. 3072 – 3078, 2017.